

RESGATANDO O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE PARA OS ESTUDOS E AS PRÁTICAS DA COMUNICAÇÃO

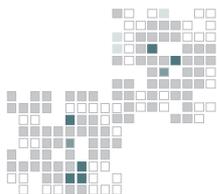
RESCUING PAULO FREIRE'S THOUGHT FOR COMMUNICATION STUDIES AND PRACTICES

RESCATANDO EL PENSAMIENTO DE PAULO FREIRE PARA LOS ESTUDIOS Y LAS PRÁCTICAS DE LA COMUNICACIÓN

Margarida M. Krohling Kunsch

■ Professora titular e pesquisadora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), da qual foi diretora entre 2013 e 2017. Doutora em Ciências da Comunicação e livre-docente em Teoria da Comunicação Institucional: Políticas e Processos, pela ECA-USP, foi pró-Reitora Adjunta de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo. É autora de vasta produção em Ciências da Comunicação e em Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Curriculum vitae: <<http://lattes.cnpq.br/4213808458053599>>; ORCID:< <https://orcid.org/0000-0002-7125-0053>>.

■ E-mails: mkkunsch@usp.br, mkkunsch@uol.com.br



RESUMO

Este artigo aborda o pensamento de Paulo Freire e como seu legado pode contribuir para os estudos e as práticas das Ciências da Comunicação. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica centrada nas suas principais obras, cujas referências constituem bases fundamentais na tentativa de aplicá-las nas atividades de pesquisa, ensino e cultura e extensão no campo comunicacional. Registram-se passagens de sua biografia e se faz alusão às celebrações do centenário do seu nascimento, ocorrido em 19 de setembro de 2021. O texto demonstra, por meio de um depoimento ilustrativo, como o paradigma da comunicação dialógica freiriana contribui para uma nova visão das Relações Públicas Comunitárias.

PALAVRAS-CHAVE: CONSCIENTIZAÇÃO; EDUCAÇÃO LIBERTADORA; COMUNICAÇÃO; DIÁLOGO.

ABSTRACT

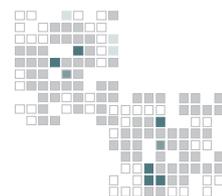
This article discusses Paulo Freire's thought and how his legacy can contribute to the studies and practices of Communication Sciences. It is a bibliographic research focused on his main works, whose references constitute fundamental bases in the attempt to apply them in research, teaching and culture and extension activities in the communicational field. Passages from his biography are rescued, and the celebrations of the centenary of his birth, which took place on September 19, 2021, are alluded to. The text demonstrates, through an illustrative statement, how the Freirean dialogic communication paradigm contributes to a new vision of Community Public Relations.

KEYWORDS: AWARENESS; LIBERATING EDUCATION; COMMUNICATION; DIALOGUE.

RESUMEN

Este artículo aborda el pensamiento de Paulo Freire y cómo su legado puede contribuir a los estudios y las prácticas de las Ciencias de la Comunicación. Se trata de una investigación bibliográfica centrada en sus principales obras, cuyas referencias constituyen bases fundamentales en el intento de aplicarlas en actividades de investigación, docencia y cultura y extensión en el campo comunicacional. Se registran pasajes de su biografía y se hacen referencias a los festejos del centenario de su natalicio, ocurrido el 19 de septiembre de 2021. El texto demuestra, a través de un testimonial ilustrativo, cómo el paradigma de la comunicación dialógica freireana contribuye a una nueva visión de las Relaciones Públicas Comunitarias.

PALABRAS CLAVE: CONCIENCIACIÓN; EDUCACIÓN LIBERADORA; COMUNICACIÓN; DIÁLOGO.



1. Introdução

Com uma pesquisa bibliográfica em obras de destaque de Paulo Freire, este artigo tem como propósito reunir algumas reflexões sobre o seu pensamento e como seu legado pode contribuir para os estudos e as práticas do campo das Ciências da Comunicação. O texto perpassa temas centrais como conscientização, comunicação, educação libertadora, prática educativa crítica, visão de mundo, humanização, pedagogia, utopia, diálogo, boniteza entre outros. Inicialmente apresentamos uma breve descrição biográfica sobre sua vida e sua trajetória, inclusive como exilado no exterior, por ocasião da implantação do regime ditatorial no Brasil em 1964, para em seguida abordar pontos que consideramos fundamentais para situar o pensamento freiriano frente à Comunicação, tais como: Paulo Freire: uma vida dedicada à Educação numa perspectiva singular, crítica e construtiva; A conscientização da realidade social como espelho para os estudos e as práticas comunicativas; Por uma prática educativa-crítica e libertadora na formação de comunicadores; O pensamento de Paulo Freire como paradigma para as Relações Públicas Comunitárias; e nas considerações finais fazemos referência a uma obra-coletânea, *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*, lançada por ocasião das celebrações do centenário do seu nascimento, organizada por Ana Maria Araújo Freire (Nita Freire). Os aportes teóricos apresentados buscam sinalizar como as contribuições freirianas podem sedimentar os estudos e as práticas cotidianas do ensino e das ações comunicativas.

2. Paulo Freire: uma vida dedicada à Educação numa perspectiva singular, crítica e construtiva

Em 19 de setembro de 2021 celebrou-se o centenário de nascimento de Paulo Freire. Diferentes formas de comemorações aconteceram, a partir de 2020, com maior concentração em 2021, na forma de publicações

de coletâneas, dossiês em revistas científicas, realização de muitos eventos, congressos, conferências, *lives*, exposições, produção e exibição de documentários tanto no Brasil quanto no exterior. Não poderia ser diferente, considerando a vasta literatura que ele nos deixou, como fonte inestimável de muitos campos do saber e que o tornaram patrono da educação brasileira. Não cabe neste artigo fazer uma descrição mais ampla de sua biografia, sobre a qual existem inúmeras obras¹. Por isso destacamos apenas algumas passagens marcantes da sua trajetória e do seu projeto libertador da Educação.

Paulo Freire, foi um homem simples, humilde e cristão que desvendou, sob novos olhares, uma forma humana, emancipadora, de ver e analisar as realidades sociais e as dinâmicas da história, contrapondo-se às estruturas dominantes e legitimadas da sociedade na busca da conscientização para reais transformações.

Nascido em Recife, no estado de Pernambuco, em 19 de setembro 1921, Paulo Freire foi o caçula de um capitão da Polícia Militar, Joaquim Temístocles Freire, e de uma dona de casa, Edeltrudes Neves Freire. Formado em Direito na Faculdade de Direito do Recife, dedicou-se integralmente à Educação durante sua vida. Atuou como professor e diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (Sesi) de Pernambuco, onde desenvolveu as primeiras experiências que o conduziram mais tarde à criação do método de alfabetização de adultos, fruto do famoso projeto de Angicos, no Rio Grande do Norte, realizado em 1963, no qual Freire coordenou uma equipe que alfabetizou cerca de 300 pessoas em um curso de 40 horas. A iniciativa foi surpreendente: formou leitores, criou eleitores e ensinou aos

¹ Cita-se, por exemplo, dentre outras, as obras de Moacir Gadotti – *Paulo Freire: uma bibliografia* (1996); Ana Maria Araújo Freire – *Paulo Freire: uma história de vida* (2017); Sergio Hadadd – *O educador: um perfil de Paulo Freire* (2019).

trabalhadores seus direitos.

Diante do sucesso de Angicos, o então presidente da República do Brasil, João Goulart resolveu adotar o método de Paulo Freire na criação do Programa Nacional de Alfabetização, que previa a instalação de 20 mil círculos de cultura pelo país. No entanto, o golpe militar de 1964 depôs o presidente em março de 1964 e instalou a ditadura militar, o que fez com que essa importante iniciativa e muitas outras iniciativas inovadoras em educação e cultura popular em curso na época fossem abandonadas. Paulo Freire foi preso e posteriormente se exilou na Bolívia, no Chile, nos Estados Unidos e na Suíça. No Chile trabalhou na educação de camponeses e publicou, em 1967, o livro, *Educação como prática da liberdade* e, em 1968, *Pedagogia do oprimido*², livro de destaque do seu repertório, que já teve mais de 70 edições e foi publicado em inúmeros idiomas, achando-se entre os mais lidos no mundo na área das Ciências Sociais. Em 1969 esteve nos Estados Unidos, quando foi convidado a lecionar em Harvard. Em 1970 foi para Genebra, na Suíça, onde atuou como consultor educacional do Conselho Mundial de Igrejas. Criou em 1971 o Instituto de Ação Cultural (Idac), que lhe permitiu realizar atividades em diversos países, incluindo programas de alfabetização e descolonização nas recém-libertas colônias portuguesas na África, como Guiné-Bissau, Cabo Verde e Angola. Em 1980, graças à “anistia ampla e irrestrita”, retornou ao Brasil e passou a lecionar na Universidade de Campinas (Unicamp) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Em 1989, na gestão de Luiza Erundina como prefeita da cidade de São Paulo, foi Secretário de Educação do município. Seu falecimento ocorre em 2 de maio de 1997, aos 75 anos. Por iniciativa da própria Luíza Erundina, então deputada federal, em 2012 ele foi declarado

2 Sobre os 50 anos desta obra consultar Paulo Roberto Padilha *et al.* (orgs.) – *50 olhares sobre os 50 anos da pedagogia do oprimido* (2019).

patrono da educação brasileira (Pado, 2021).

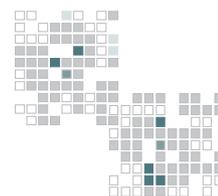
Toda a obra de Paulo Freire deixa um legado de profundas reflexões sobre um projeto libertador de educação, centrado a partir de uma visão crítica e da conscientização das realidades sociais para transformá-las, sobretudo das populações mais carentes e vulneráveis. A ideia de uma educação libertadora proposta por ele visa contribuir para formar uma consciência social e estimular a participação crítica e responsável das pessoas nos processos culturais, sociais, políticos e econômicos.

O projeto educativo de Paulo Freire é um projeto libertador das amarras das estruturas dominantes da sociedade e a busca de alternativas para diminuir as injustiças sociais e as imposições do *status quo*. A educação libertadora e a conscientização do ser humano são os pilares da sua obra, que tanto tem influenciado gerações de educadores e comunicadores, seja na perspectiva dos estudos reflexivos, seja nas práticas, junto a segmentos sociais menos favorecidos.

3. A conscientização da realidade social como espelho para os estudos e as práticas comunicativas

Paulo Freire chama a atenção para a necessidade não só da conscientização das realidades sociais com as quais trabalhamos, mas de compreendê-las de forma crítica. Isso implica ultrapassar a esfera da pura apreensão da realidade para se chegar a uma esfera crítica dessa realidade. A conscientização também não pode existir fora da práxis sem a ação-reflexão. Está baseada na relação consciência-mundo. Trata-se de um compromisso histórico e de uma crítica no contexto da dinâmica da história a que estamos ligados. “A conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência-mundo” (Freire, 2001.p.30-31).

No livro *Extensão ou comunicação?* ele afirma: “[...]o ato do conhecimento é uma relação dialógica. Não há, realmente, pensamento



isolado, na medida em que não há homem isolado. [...] O mundo humano é um mundo de comunicação. (...) a comunicação implica numa reciprocidade que não pode ser rompida (Freire, 1980, p.66-67).

Como defender uma visão mais crítica centrada na conscientização das realidades sociais junto aos atores envolvidos com a pesquisa, a formação e as práticas profissionais do campo comunicacional no qual atuamos, como propõe Paulo Freire? Será que os estudos que realizamos em nível de graduação e pós-graduação em Comunicação estão sintonizados com as demandas da sociedade? São questões postas que nos levam a repensar qual está sendo nosso compromisso com a sociedade, mediante uma prática comunicativa capaz de promover uma maior equidade entre os povos e a defesa dos reais valores democráticos e de cidadania para todos. Segundo Paulo Freire (1979, p. 19),

o compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas "águas" os homens verdadeiramente comprometidos ficam "molhados", ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros.

Não adianta somente produzir projetos pedagógicos de ensino universitário que na escrita se comprometem com as demandas sociais, se na prática seus princípios não se concretizam e ficam restritos às intenções e à retórica, isto é, sem verdadeiramente se comprometer com as transformações que essas demandas exigem. "O homem chega a ser sujeito por reflexão sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto. Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la" (Freire, 2001, p.39).

As pesquisas que realizamos, no âmbito da área das Ciências da Comunicação, para que de fato contribuam para intervir no mundo e a inclusão de mais pessoas em uma sociedade mais justa e igualitária, necessitam se engajar em uma prática vivenciada em realidades sociais concretas. São essas que permitirão a construção de novas teorias e reflexões, assim como uma formação mais sintonizada e coerente com as demandas sociais. Isto só será possível por meio de um processo educativo, crítico e político. "Não pode existir uma prática educativa neutra, descomprometida, apolítica. A diretividade da prática educativa que a faz transbordar sempre de si mesma e perseguir um certo fim, um sonho, uma utopia, não permite sua neutralidade" (Freire, 2021a, p. 43-44).

Pensar em conscientização, transformações sociais e humanização nos remete a considerar e assumir "uma posição utópica frente ao mundo, posição esta que converte o conscientizado em fator utópico". A utopia freiriana³ tem um outro sentido além do que normalmente significa o termo utopia. Para Freire (2001, p.31-32), "o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar. O ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico".

A conscientização, de acordo com Freire (2001, p. 32), está ligada à utopia. "Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos".

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade

³ Para mais detalhes consultar Ana Lúcia Souza Freitas – *Utopia* (2008).

epistemológica, do outro, sem o reconhecimento das emoções, da sensibilidade, da afetividade, a intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica (Freire, 2021, p.45-46).

Conscientização do mundo e humanização são termos muito caros ao pensamento de Paulo Freire, explicitado constantemente nas suas obras. Afirma ele:

Não há humanização na opressão, assim como não pode haver desumanização na verdadeira libertação. Mas, por outro lado, a libertação não se dá dentro da consciência dos homens, isolada do mundo, senão na práxis dos homens dentro da história, que, implicando a relação consciência-mundo, envolve a consciência crítica desta relação (Freire, 2007, p.116).

Na perspectiva dessa conscientização freiriana, os novos tempos exigem que os pesquisadores, professores e comunicadores tenham uma visão muito crítica e humanista das realidades nas quais irão atuar, tanto nas pesquisas científicas quanto na formação de educandos. O engajamento em projetos que busquem transformações no *status quo* e de mobilização social, exigirá uma atuação participativa, dialógica e, por que não dizer?, utópica. A educação não é um instrumento válido se não estabelecer uma reflexão dialética com o contexto da sociedade na qual a pessoa está inserida.

4. Por uma prática educativa-crítica e libertadora na formação de comunicadores

A defesa de um paradigma inovador nos processos educativos em diferentes esferas e campos de atuação social e política é uma constante em todas as obras de Paulo Freire. Ele

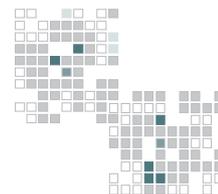
é o ícone quando se fala de educação libertadora e das práticas educativas críticas ou progressistas. Essas têm como foco o ser humano e os segmentos sociais mais vulneráveis e ignorados pela estrutura dominante dos poderes públicos e da primazia das regras do poder econômico. Basta percorrer suas inúmeras obras e nas mais diversas abordagens sobre pedagogias do oprimido, da autonomia, esperança, indignação, tolerância e solidariedade para perceber que sua visão crítica e humanista constituem pilares centrais dos seus ensinamentos sobre o real significado de uma verdadeira prática de educação libertadora.

Freire, ao comentar sobre a relação teoria/prática, chama a atenção sobre os saberes e como devem ser compartilhados nos processos comunicativos entre educador e formando. E reforça:

O que me interessa agora, repito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isto mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção (Freire, 2021b, p.24).

Prosseguindo, ele afirma "Não há docência sem discência: as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém" (Freire, 2021b, p. 25).

Como proposição pedagógica, o que se espera



da relação aluno-professor? Tendo como meta uma formação efetiva do graduando, como se espera que a relação professor-aluno possa ser otimizada? Primeiro, consideramos que com respeito mútuo, convivência fraterna, dignidade e ao mesmo tempo rigor metódico, reconhecendo as diferenças de posições, mas compartilhando saberes e construindo juntos novos conhecimentos e novas reflexões. A formação efetiva só se concretiza com envolvimento e participação do graduando nos processos do ensino e aprendizagem.

O que Paulo Freire nos ensinou sobre a concepção “bancária” da educação é um caminho que devemos perceber e avaliar.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador é o depositante.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta destorcida

visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (Freire, 1979, p. 66).

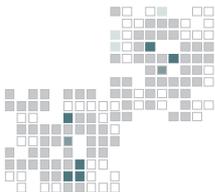
De acordo com Freire (1979, p. 79), há que se levar em conta a concepção problematizadora e a superação da contradição educador-educando. “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo”, diz ele, enfatizando: “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

O relacionamento aluno-professor deve extrapolar as fronteiras da sala de aula. O atendimento para diálogos e orientação nos estudos, a participação em projetos de pesquisa, trabalhos de cultura e extensão e outras atividades complementares são formas que ajudam a cultivar o saber novo, produtivo, e ampliam as possibilidades de uma aprendizagem mais integrada e abrangente.

A educação libertadora é o oposto da comunicação bancária, na qual o professor se coloca como um narrador e os estudantes são objetos pacientes que escutam. A educação passa a ser o *ato de depositar*, sendo os estudantes os depósitos e o professor, aquele que deposita comunicados, no lugar de comunicar e interagir como sujeito do processo ensino-aprendizagem. É a concepção *acumulativa* da educação-concepção bancária.

A educação libertadora, ao contrário, é aquela em que o professor se posiciona “como alguém que se integra no grupo” e não como um “transmissor de conhecimentos, [...] com soluções prontas para aquele grupo”. Esta forma de educar contrapõe-se a uma prática individualista e incentiva a inclusão de mais pessoas ou grupos. Como defende Paulo Freire (2021, p. 80),

é importante salientar que o novo momento na compreensão da vida social não é exclusivo



de uma pessoa. A experiência que possibilita o discurso novo é social. Uma ou outra pessoa, porém, se antecipa na explicitação da nova percepção da mesma realidade. Uma das tarefas fundamentais do educador progressista é, sensível à leitura e à releitura do grupo, provocá-lo, bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto.

Isto se aplica também nas práticas de nossas ações comunicativas no âmbito dos movimentos sociais e de atuação, também, nas instituições públicas e organizações. A propósito, vale fazer uma conexão com a citação de Juan Díaz Bordenave e Horácio M. Carvalho (1979, p. 184), no livro *Planejamento e comunicação*, sobre os objetivos de um trabalho comunitário: “dar oportunidade ao povo para que expresse sua voz; desenvolver a consciência crítica, quer dizer, a capacidade das pessoas de julgar, de maneira mais objetiva, as mensagens que recebem; capacitar o povo para a participação na tomada de decisões, encaminhadas à satisfação de seus genuínos interesses; etc.”

Qual é a comunidade, ou o grupo social, com a qual estamos falando e/ou interagindo? Quais são suas aspirações e demandas? Como ela se caracteriza? Qual é seu passado? Quais são seus valores que devem ser cultivados?

Um dos possíveis caminhos é o cultivo e a prática do diálogo e da dialogicidade⁴ da educação, que constituem, também, pilares do pensamento comunicacional freiriano. Só será possível existir uma prática educativa-crítica e libertadora, mediante uma comunicação dialógica e que valorize a escuta e as trocas de experiências e percepções. Compreender e praticar o diálogo como método é uma necessidade existencial que possibilita as mediatizações entre as pessoas e que convida à crítica.

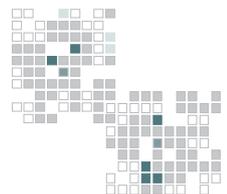
A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico - reconhecimento do outro e reconhecimento de si no outro - é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. Não há consciências vazias; por isto os homens não se humanizam senão humanizando o mundo” (Freire, 1979, p.15).

O diálogo exige uma fé intensa na pessoa, em seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar, fé em sua vocação de ser mais, o que não é privilégio de uma elite, mas o direito que nasce com todas as pessoas (Freire, 1979, p.95).

O diálogo não pode existir sem esperança. A esperança está na raiz das inconclusões e nas incertezas humanas na busca das transformações e da comunicação com os outros. “Se o diálogo é o encontro dos homens para ser mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu que fazer já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso” (Freire, 1979, p. 97).

Evidentemente, a prática do diálogo e da dialogicidade nas relações entre os possíveis interlocutores, tanto no meio acadêmico quanto no âmbito dos movimentos sociais, só existirá se houver uma comunicação de fato recíproca e comprometida. No livro *Extensão ou comunicação?*, “o que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. Em relação dialógica-comunicativa, os sujeitos interlocutores se expressam, através de um mesmo sistema de signos” (Freire, 1980, p. 67). Pressupõe, portanto, que os entendimentos ocorram dentro de um quadro semântico comum aos sujeitos envolvidos.” A educação é comunicação, é diálogo na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados” (Freire, 1980, p. 69).

⁴ Para complementar, sugere-se consultar Jaime José Zitkoski – Diálogo/Dialogicidade (2008).



A partir dessas referências e considerações acreditamos que o campo das Ciências da Comunicação, tanto no âmbito das práticas de ensino, como na pesquisa e nas ações de cultura e extensão, pode se espelhar nas propostas freirianas de educação libertadora, crítica e progressista.

5. O pensamento de Paulo Freire como paradigma para as Relações Públicas Comunitárias

Com o objetivo de apresentar um depoimento vivenciado para ilustrar as reflexões anteriores, relato a seguir como o pensamento comunicacional de Paulo Freire influenciou na minha trajetória acadêmica, especificamente no tocante à área de Relações Públicas.

Meus primeiros contatos diretos com ele aconteceram em 1980, por ocasião do IX Congresso da União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC), que teve como tema central “Comunicação Popular” e foi realizado no então Instituto Metodista de Ensino Superior, em São Bernardo do Campo (SP), hoje Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

Nesse congresso tive a oportunidade de dialogar pessoalmente com Paulo Freire. Surge, então, para mim um novo despertar para a Comunicação e as Relações Públicas numa perspectiva mais social e comunitária. O congresso da UCBC constituiu assim um marco do que eu viria a denominar Relações Públicas Comunitárias. Ele “fez germinar uma nova esperança de vida para essa área” Até então as práticas das Relações Públicas, nas organizações voltadas para fins sociais, se caracterizavam por uma visão totalmente assistencialista, por meio de doações financeiras e sem uma perspectiva de atuação conjunta e comunitária de fato com os sujeitos envolvidos.

Na ocasião, tive a oportunidade de participar de um painel sobre “Relações públicas a serviço dos interesses populares”, junto com o sindicalista Anísio Teixeira, José Queiroz, da Universidade Católica de São Paulo, e Cícilia Krohling Peruzzo,

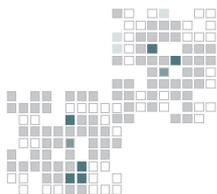
que então estava desenvolvendo sua dissertação de mestrado na Metodista, *Relações públicas no modo de produção capitalista*. A minha intervenção nesse painel foi publicada em artigo no jornal *O público*, da ABRP-SP (Kunsch, 1981).

Os profissionais de relações públicas devem se comportar como agentes de transformação, deixando de repetir incessantemente o discurso sistêmico normalmente assimilado em sua formação universitária. Assim nos deparamos com a necessidade de defender uma nova concepção e abandonar o que Freire chamou de “extensionismo” puro e simples. Começamos a considerar uma mudança de paradigma de um trabalho “para” a um trabalho “com”. Isto é, conceber que a atuação de Relações Públicas Comunitárias deve ser feita “com” a comunidade e não “para” ela. Isto implica que o profissional da área deve antes de mais nada “descer às bases”, estabelecendo com elas um processo empático. Plenamente engajado na comunidade e ajustado a seus interesses e às suas necessidades, ele será capaz de desenvolver um trabalho participativo, fugindo de uma atividade que seja uma mera extensão de uma “educação bancária” (Freire, 1980, p. 65-93).

Essa nova percepção me levou a pesquisar o tema, produzir publicações e, também, realizar atividades acadêmicas com os estudantes do Curso de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior.

Em 1984, publiquei o artigo “Relações públicas comunitárias: um desafio” na revista *Comunicação & Sociedade*, do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior, em São Bernardo do Campo. Nele destaquei que “o conceito de relações públicas comunitárias diz respeito, com propriedade, apenas ao trabalho realizado diretamente com a comunidade, dentro dela e em função dela, por profissionais que se integram nos grupos ou por profissionais orgânicos surgidos nos próprios grupos”.

Inspirado em Paulo Freire, o artigo teve como foco



o conceito de “educação libertadora” do trabalho comunitário, onde o gestor e/ou o profissional de relações públicas deve se posicionar “como alguém que se integra no grupo” e não como um mero “transmissor de conhecimentos, [...] com soluções prontas para aquele grupo”.

Paralelamente, desenvolvia minha pesquisa de mestrado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, defendida em 1985, que resultou no livro *Planejamento de Relações públicas na comunicação integrada* (Kunsch, 1986). Nele também propus uma visão abrangente para a área, enfatizando sua aplicação nas “organizações” consideradas num âmbito ampliado, que vai além do conceito mais restrito de “empresas”⁵. Defendia que as Relações Públicas não são um simples conjunto de técnicas, mas todo um processo científico em que se busca conhecer, articular e transformar a sociedade para construir o mundo melhor e mais igualitário

Em 1987 publiquei, na *Revista Brasileira de Comunicação*, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), o artigo “Propostas alternativas de relações públicas”. Nele escrevi sobre as exigências postas para a área no que se refere a uma “nova práxis” em termos de conhecimento da realidade, de estudo do macroambiente onde a comunidade se insere, de diagnóstico e de programas de ação. Reforçando essa mesma proposta, eu sugeria outras possibilidades para atuação da área, como, por exemplo, junto às organizações sindicais.

Em 2007 inseri no livro *Relações públicas comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora* (Kunsch; M.; Kunsch, W.) o capítulo “Dimensões e perspectivas das relações públicas comunitárias”(Kunsch, 2007). A referida coletânea, planejada e organizada por

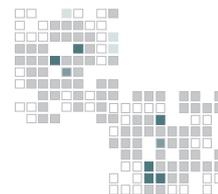
mim e Waldemar L. Kunsch, reuniu diversos autores selecionados, que se destacavam nas temáticas da comunicação comunitária, da responsabilidade social e das relações públicas comunitárias.

Com isso, foi crescendo no meio universitário o interesse em torno dos fundamentos daquilo que passava a configurar-se como “Relações Públicas Comunitárias”, cada vez mais distanciadas daquela visão tradicional de ações desenvolvidas pelas empresas “para” a comunidade, numa perspectiva muito mais assistencialista e funcionalista. Esta autora e Cicilia Krohling Peruzzo eram frequentemente convidadas a proferir palestras sobre essa temática em faculdades e escolas de Comunicação Social de diferentes regiões do País.

Nos anos 1980, passei a desenvolver iniciativas concretas de aplicação, juntamente com colegas de magistério e estudantes do último ano do Curso de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior. Implantamos na época os chamados Projetos Comunitários de Relações Públicas, como atividades experimentais para organizações sem fins lucrativos e as demais organizações sociais, como associações de bairros, por exemplo. Procurávamos demonstrar que as teorias, as técnicas e os instrumentos da área podiam ser aplicados também a outras esferas da sociedade que não somente a empresarial e a governamental.

Com isso, foi crescendo no meio universitário o interesse em torno dos fundamentos daquilo que, aos poucos, passaria a efetivar-se como “Relações Públicas Comunitárias”. Esta nova perspectiva foi sendo incorporada não só nos projetos práticos elaborados pela academia, mas também nos que seriam desenvolvidos pelas organizações públicas e privadas, que começaram a repensar seu modo de se relacionar com as comunidades dos seus entornos, incorporando também uma perspectiva diferenciada do que vem a ser responsabilidade social.

5 Na 4a. edição da obra (Kunsch, 2003), revista, atualizada e ampliada, precisamente no capítulo 3, discorri mais concretamente sobre essa nova abrangência das Relações Públicas e o seu papel para o fortalecimento da dimensão institucional e social das organizações.



6. Considerações finais

São tantos os ensinamentos que o e legado de Paulo Freire nos deixou que é impossível resumir todos neste artigo. Destaco algumas palavras fortes em suas obras, que considero centrais e que marcam sua trajetória intelectual e suas práticas como educador: educação libertadora, diálogo, consciência, conhecimento, saber popular, utopia, relação dialógica e comunicação da *boniteza*.

No caso do conceito de *boniteza*⁶, por que, também, não estar ele inserido nos estudos e nas práticas comunicativas? Este vocábulo utilizado nas falas e nos escritos de Paulo Freire, sobretudo nos últimos anos de sua vida, nos remete a entender, na sua literatura científica, um sentido amplo e profundo, muito além, portanto, do léxico, como descreve Ana Maria Araújo Freire (2021, p. 18):

Ao significar boniteza como uma palavra-conceito, historicamente, Paulo possibilitou que ela fosse ganhando cada dia mais radicalidade e amplitude na sua filosofia crítica da educação. A procura, a busca da ideia certa, que tantas vezes recai em seus textos na boniteza, diz da necessidade e da essência dessa palavra na composição das ideias crítico-radicais e de sua linguagem extremamente poética, mesmo quando está narrando e criticado a realidade perversa, opressiva ou o sofrimento dos oprimidos e [das] oprimidas.

Reafirmando este significado amplo e profundo, a autora destaca que Paulo Freire “nunca mais deixou de usar *boniteza* como metáfora de sublimação, no sentido de engrandecer, de exaltar o bonito e o sério. Metáfora do elegante, do louvável no processo civilizatório, do poético, do fazer com responsabilidade, eficiência e amorosidade”. Nesse sentido, concordamos com Ana Freire, quando fundamenta que esta

6 Na coletânea organizada por Ana Maria Araújo Freire, *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire* (2021), vários autores discorrem sobre este termo, relacionando-o com as temáticas mais presentes na vida e obra desse incansável educador, patrono da educação brasileira.

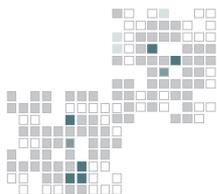
palavra, à luz dos ensinamentos de Paulo Freire, “carrega signos, significados, significações, contemplação, compaixão, desopressão, interesses legítimos, precisão (no sentido de carência), para plenificar-se no templo da grandeza humana, do sublime, do nirvana, do ato de qualificar o que, temporariamente, a história e a ciência permite criar (Freire, A., 2021, p. 18).

Na complexidade do mundo atual da era digital, onde o poder da comunicação assume características e funções como nunca visto antes, vislumbrar como a *boniteza* pode tornar os meandros desse universo mais equitativos, em termos de direitos humanos, justiça, democracia e inclusão social na diversidade, é um dos grandes desafios a serem enfrentados por todos os atores e agentes envolvidos com os meios tradicionais de comunicação, os digitais e alternativos, em todas as esferas da sociedade contemporânea. Como todos esses meios poderão intervir e contribuir para provocar as transformações sociais com vistas às demandas, sobretudo dos países do terceiro mundo, frente à gritante desigualdade social?

É nessa conjuntura tão repleta de novos matizes que todos temos que considerar e também conhecer o ecossistema midiático para pensar em nossas pesquisas e no exercício da formação e do ensino universitário dos futuros comunicadores. Como já apregoamos, toda ação educativa deve ser precedida de uma reflexão sobre a realidade, sobre a pessoa e os grupos sociais com os quais pretendemos atuar.

Como nós como pesquisadores, educadores e agentes das práticas comunicativas podemos adotar o significado profundo de *boniteza* para uma atuação mais sintonizada com as demandas da sociedade, sobretudo dos segmentos mais esquecidos pelas estruturas de poder dominantes?

Por fim, em tempos tão sombrios e difíceis pelos quais estamos passando, e para concluir, vale também resgatar a utopia freiriana e o que ele chamou de “esperançar”. A esperança e o verbo esperançar. Manter a esperança e cultivar a utopia podem ser alentos para continuarmos a batalha, pois, segundo Paulo Freire (2001, p. 32), “somente os utópicos podem ser proféticos e portadores de



esperança. (...). são os proféticos os que anunciam e denunciam, comprometidos permanentemente com um processo radical de transformação do mundo.

Fazendo um paralelo com Luís Ramiro Beltrán, ícone do pensamento comunicacional latino-americano, que também defendeu a utopia e a comunicação horizontal e democrática (Beltrán, 1981), “não se pode renunciar à utopia, porque ela é a alma e o motor da luta”. Beltrán complementa

sua afirmação com uma citação do Papa Paulo VI: “As realidades de hoje são as utopias de ontem. Enquanto houver uma utopia nos chamando a partir do futuro, continuará a História.” E acrescenta esta outra citação da Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica (Aler): “O caminho e as palavras podem mudar. A utopia ou meta final e as opções profundas não devem mudar.”

Referências

- ANZOLA, Patricia. “Beltrán: no renunciemos jamás a la utopía”. Exposição e entrevista exclusiva com Luis Ramiro Beltrán. In: *Chasqui - Revista Latinoamericana de Comunicación*, Quito, Ciespal, p. 6-13, abr./maio/jun. 1982.
- BELTRAN, Luis Ramiro. “Adeus a Aristóteles: comunicação horizontal”. In: revista *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, SP, IMS/ Cortez, a. III, n. 6, p. 5-35, setembro de 1981.
- DAZ, Juan Bordenave; CARVALHO, Horácio Martins. *Planejamento e comunicação*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2021a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 70. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2021b.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 12. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. – 2. reimpr. São Paulo, SP: Centauro Editora, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Trad. de Rosisca Darcy de Oliveira. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1980.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Trad. de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1979/1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. Paulo Freire: a boniteza na minha vida. In: FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2021. p.15-23.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire: uma história de vida*. Rio de Janeiro, RJ: Paz & Terra, 2017.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza. Utopia. In: STRECK, Danilo R. et al. (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p.417-419
- GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma bibliografia*. São Paulo: Editora Cortez, 1996.
- HADADD, Sergio. *O educador: um perfil de Paulo Freire*. São Paulo, SP: Todavia, 2019.
- KUNSCH, Margarida M. Krohling. *Planejamento de relações públicas na comunicação integrada*. 4a. ed. – revista e ampliada. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- KUNSCH, Margarida M. Krohling. Propostas alternativas de relações públicas. *Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, SP, Intercom, n. 57, p. 48-58, 2o. sem. 1987.
- KUNSCH, Margarida M. Krohling. Relações públicas comunitárias: um desafio. In: *Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, SP, PósCom-IMS, v. 6, n. 11, p. 131-150, jun./dez. 1984*.
- KUNSCH, Margarida M. Krohling. Relações públicas: como servir aos interesses populares. In: *O Público*, São Paulo, ABRP-SP, a. III, n. 13, p. 3, mar./abr. 1981.
- KUNSCH, Margarida M. Krohling; KUNSCH, Waldemar Luiz (orgs.). *Relações públicas comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora*. São Paulo, SP: Summus, 2007.
- PADILHA, Paulo Roberto et al. [orgs.]. *50 olhares sobre os 50 anos da pedagogia do oprimido* [livro eletrônico]. Paulo, SP : Instituto Paulo Freire, 2019.
- PADO, Luiz. Mais do que nunca, é preciso Paulo Freire. *Jornal da USP*, São Paulo, SP, Universidade de São Paulo, 08 set. 2021.
- STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2008.
- ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/Dialógica. In: STRECK, Danilo R. et al. (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p.130-131

